



ESTRESSE ENTRE OS MEMBROS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM

STRESS AMONG NURSING TEAM MEMBERS

ESTRÉS ENTRE LOS MIEMBROS DEL EQUIPO DE ENFERMERÍA

Cláudia Cristiane Filgueira Martins Rodrigues¹, Pétaia Tuani Cândido de Oliveira Salvador², Yole Matias Silveira de Assis³, Andréa Tayse de Lima Gomes⁴, Manaces dos Santos Bezerril⁵, Viviane Euzébia Pereira Santos⁶

RESUMO

Objetivo: identificar o nível de estresse de membros da equipe de enfermagem. **Método:** estudo transversal, quantitativo, realizado com 184 profissionais de enfermagem de um Hospital do Nordeste do Brasil. Aplicou-se questionário sociodemográfico e o Inventário de Sinais e Sintomas de Lipp. **Resultados:** os profissionais atuavam, em média, há 9,8 anos (DP- 7,2 anos) como profissionais de saúde e trabalhavam 30,2 horas semanais (DP- 18,7) em regime de plantão. A unidade de clínica cirúrgica foi o setor no qual predominou o estresse (47,2%). Assim sendo, 35,9% apresentavam estresse, predominando a fase de resistência (20,7%). **Conclusão:** evidenciou-se que o estresse é um evento presente no cotidiano dos profissionais de enfermagem, apresentando-se entre os setores em diferentes proporções, sendo a fase de resistência a mais representativa. **Descritores:** Enfermagem; Estresse Fisiológico; Estresse Patológico.

ABSTRACT

Objective: to identify the level of stress of members of the nursing team. **Method:** cross-sectional quantitative study with 184 nursing workers from a Hospital in the Northeast of Brazil. A sociodemographic questionnaire and the Lipp Signs and Symptoms Inventory were applied. **Results:** practitioners' average time of work was 9.8 years (SD = 7.2 years) as health practitioners and they had been working 30.2 hours per week (SD = 18.7) on a duty-shift basis. The surgical clinic unit was the sector in which stress predominated (47.2%). Therefore, 35.9% of workers presented stress, predominantly in the resistance phase (20.7%). **Conclusion:** it was evidenced that stress is an event present in the daily routine of nursing practitioners, presenting in different proportions between the sectors, and the resistance phase was the most representative. **Descriptors:** Nursing; Physiological Stress; Pathological Stress.

RESUMEN

Objetivo: identificar el nivel de estrés de miembros del equipo de enfermería. **Método:** estudio transversal, cuantitativo, realizado con 184 profesionales de enfermería de un Hospital de Nordeste de Brasil. Se aplicó un cuestionario socio-demográfico y el Inventario de Señales y Síntomas de Lipp. **Resultados:** los profesionales actuaban, en media, hace 9,8 años (DP- 7,2 años) como profesionales de salud y trabajaban 30,2 horas semanales (DP- 18,7) en régimen de guardia. La unidad de clínica quirúrgica fue el sector en el cual predominó el estrés (47,2%). Siendo así, 35,9% presentaban estrés, predominando la fase de resistencia (20,7%). **Conclusión:** se evidenció que el estrés es un evento presente en el cotidiano de los profesionales de enfermería, presentándose entre los sectores en diferentes proporciones, siendo la fase de resistencia la más representativa. **Descriptor:** Enfermería; Estrés Fisiológico; El Estrés Patológico.

^{1,2}Enfermeiras, Professoras Doutoras, Escola de Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN. Natal (RN), Brasil. E-mails: claudiacrisfm@yahoo.com.br; petalatvani@hotmail.com; ³Enfermeira, Mestre em Enfermagem. Natal (RN), Brasil. E-mail: yole_matias@hotmail.com; ⁴Enfermeira, Professora Mestre, Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Campus Santa Cruz. Santa Cruz (RN), Brasil. E-mail: andrea.tlgomes@gmail.com; ⁵Enfermeiro, Mestrando em Enfermagem, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte/PPGENF/UFRN. Natal (RN), Brasil. E-mail: manacesbezerril@hotmail.com; ⁶Enfermeira, Professora Doutora, Departamento de Enfermagem / Universidade Federal do Rio Grande do Norte/PPGENF/UFRN. Bolsista em Produtividade (PQ 2016-2019). Natal (RN), Brasil. E-mail: vivianeepsantos@gmail.com

INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho, estimulado pelo avanço tecnocientífico e pelo sistema neoliberal, modificou-se no decorrer da história da sociedade. Houve a busca por ritmos acelerados de produção, incitando o individualismo e a competição entre seus trabalhadores.

Essas mudanças trouxeram consequências significativas para o perfil de adoecimento desses trabalhadores, repercutindo em desordens físicas e mentais, e, dentre as desordens psíquicas, destaca-se o estresse. De forma preocupante, o *International Stress Management Association* (ISMA-BR) estima que 70% da população brasileira economicamente ativa sofrem com as implicações desse evento.¹⁻²

O termo “estresse”, conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), compreende um conjunto de fenômenos psicológicos e/ou físicos que se apresentam no organismo do trabalhador e podem afetar sua saúde, qualidade de vida e relacionamento com seus pares no ambiente de atuação profissional, como também no contexto familiar.³

Nesse íterim, apreende-se que o estresse resulta em fenômenos complexos e subjetivos que excedem os mecanismos de adaptação do corpo físico ao agente estressor. Nesse modelo conceitual, esse é o resultado da interação entre o sujeito e o ambiente no qual se encontra inserido, o que pode desencadear a perda da homeostase, resultando em doenças crônicas, queda da imunidade e dores físicas.⁴

Desse modo, ambientes de trabalhos complexos, nos quais os trabalhadores vivenciam diretamente a competitividade, as exigências cotidianas específicas de cada profissão, a tensão emocional, a angústia, o sofrimento e, portanto, o confronto frequente com agentes estressores, são locais que influenciam na rotina de vida de cada profissional de maneira distinta, podendo causar o adoecimento do corpo físico e, por conseguinte, o estresse.

As profissões da área da saúde estão inclusas nessas condições de trabalho. E, dentre elas, a enfermagem ocupa a quarta posição entre as mais estressantes do setor público, conforme estudos realizados pelo *Health Education Authority*.⁵

Compreende-se tal assertiva ao ressaltar que tais profissionais são os responsáveis diretos pela assistência prestada ao paciente, possuem a necessidade de agir com prontidão e competência, são, por vezes, exigidos com uma sobrecarga de tarefas de cunho

assistencial, gerencial, bem como administrativas e burocráticas no contexto da organização de saúde.

Em face do exposto, estudos⁶⁻⁸ têm sido desenvolvidos para avaliar o impacto do estresse sobre o trabalho desses profissionais, como também as implicações para o seu local de atuação profissional, as relações com pacientes e demais membros da equipe multiprofissional, e, ainda, as consequências para a saúde do trabalhador de enfermagem que vivencia o contato direto com esses eventos estressores.

Assim, diante da constatação de que os profissionais de saúde, sobretudo a equipe de enfermagem, constituem categoria com vulnerabilidade inquestionável aos eventos estressores, bem como compreendendo que pesquisas que estudem tal fenômeno podem subsidiar estratégias de prevenção e enfrentamento do estresse, é que se apresenta a pesquisa em pauta, a qual tem por norte as seguintes questões norteadoras: os profissionais de enfermagem de um Hospital do Nordeste do Brasil apresentam estresse? Se sim, quais são os níveis de estresse que a equipe de enfermagem está exposta em seu local de atuação profissional?

Desse modo, objetiva-se identificar o nível de estresse de membros da equipe de enfermagem.

MÉTODO

Estudo transversal de abordagem quantitativa, realizado com os profissionais de enfermagem (enfermeiros e técnicos de enfermagem) dos setores de cuidado direto ao paciente. Foram escolhidos uma unidade de clínica médica, uma de clínica cirúrgica, o centro cirúrgico e a Unidade de Terapia Intensiva de um Hospital do Nordeste do Brasil.

A escolha desses setores se deu pelo fato de que são unidades em que os profissionais cuidam diretamente de pacientes internados e que representam áreas de atendimentos diferentes, constituindo, assim, uma realidade distinta. Além disso, essa seleção permitiu analisar as diferenças e/ou semelhanças estatísticas do evento estresse entre esses ambientes de atuação do profissional de enfermagem.

A população do estudo foi composta de 184 profissionais de enfermagem, de ambos os sexos, pertencentes ao quadro de funcionários do hospital em estudo, nos diversos turnos de atuação (matutino, vespertino e noturno). Não houve cálculo amostral, pois todos os profissionais que estavam disponíveis e que aceitaram participar do estudo foram

incluídos, investigando, assim, todos os profissionais envolvidos nessa realidade.

Elegeram-se, apenas, como critérios de exclusão: profissionais com atestado médico, licenças de qualquer natureza, férias ou que estavam impossibilitados de responder ao questionário no momento da coleta dos dados.

A coleta de dados foi realizada em fevereiro de 2015. Utilizou-se como instrumentos de coleta de dados dois questionários autopreenchíveis: o sociodemográfico, para a caracterização dos sujeitos do estudo; e o Inventário de Sinais e Sintomas de Lipp, 2000 (ISSL).⁹

O ISSL visa à identificação e definição das fases do estresse na população estudada. É um instrumento já validado e conhecido nacionalmente por identificar a sintomatologia do estresse, indicando, dessa forma, o início de um quadro patológico.

Esse instrumento é construído por três tabelas com sinais e sintomas que caracterizam cada uma das fases do estresse. A pontuação é mensurada de forma que: se o sujeito relatar a ocorrência de sete ou mais escores na tabela I, significa que se encontra na *fase de alerta* do estresse, primeira fase do estresse; na ocorrência de quatro a nove escores na tabela II, o indivíduo encontra-se na *fase de resistência* do estresse; ainda na tabela II, se a pontuação obtida for maior que 10 escores, o participante encontra-se na *fase de quase-exaustão* do estresse; e, por fim, na ocorrência de nove ou mais escores realizados pelo entrevistado na tabela III, encontra-se na *fase de exaustão* do estresse.⁹

Após a aplicação dos instrumentos, foi realizada a tabulação dos dados em planilhas do *Microsoft Excel Starter 2010*. Primeiramente, foram realizadas análises descritivas para avaliar a distribuição dos itens, bem como possíveis erros de digitação e casos omissos.

As variáveis contínuas foram analisadas por média e desvio padrão e as variáveis categóricas a partir de frequência absoluta e relativa. A discussão dos dados se deu a partir da análise da literatura atual pertinente.

Cabe ressaltar que a pesquisa foi realizada seguindo os procedimentos éticos estabelecidos, conforme resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), no que diz respeito à pesquisa com seres humanos. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte pelo Parecer 925.477, de 18 de dezembro de 2014, sob o número CAAE: 273.935.146.000.0553-7.

RESULTADOS

A análise descritiva dos dados revelou que, dos 184 participantes, 33 (18%) eram enfermeiros e 151 (82%) eram técnicos em enfermagem. Atuavam, em média, há 9,8 anos (DP- 7,2 anos) como profissionais de saúde e trabalhavam 30,2 horas semanais (DP- 18,7) em regime de plantão. A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas da população do estudo.

Tabela 1. Distribuição de dados sociodemográficos da equipe de enfermagem de um hospital do Nordeste do Brasil. Natal (RN), Brasil (2015)

Variáveis/categoria	n (184)	%
Sexo		
Masculino	28	15,2
Feminino	156	84,8
Faixa Etária (anos)		
Até 30 anos	78	42,2
31 a 35 anos	43	23,3
36 a 40 anos	29	15,7
41 a 45 anos	18	9,7
46 a 50 anos	11	6,0
Acima de 50 anos	6	3,1
Estado Civil		
Solteiro	54	29,3
Casado	82	44,5
União estável	26	14,8
Divorciado	15	8,1
Viúvo	6	3,2
Número de Filhos		
0	87	47,2
1	52	28,2
2	37	20,1
3	8	4,34
Duplo Vínculo		
Sim	114	61,9
Não	70	38,1

Comparando os níveis de estresse com os setores nos quais os profissionais se encontram, foi evidenciado que a unidade de

clínica cirúrgica é o setor no qual predomina o estresse, com 47,2%, conforme evidenciado na Figura 1.

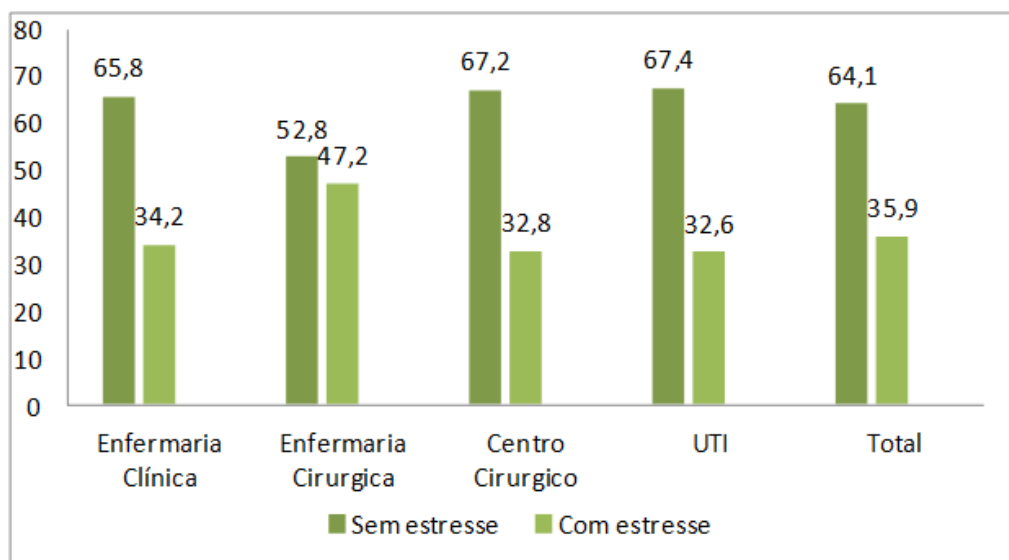


Figura 1. Presença do estresse entre os setores de um Hospital do Nordeste do Brasil, em números absolutos. Natal (RN), Brasil (2015)

Identificou-se que 78% dos participantes do estudo não possuem estresse. Entretanto, é imperativo ressaltar que 35,9% apresentam alguma fase característica desse evento. As

fases predominantes do estresse, de acordo com setores que atuam, estão descritas conforme a distribuição na Figura 2.

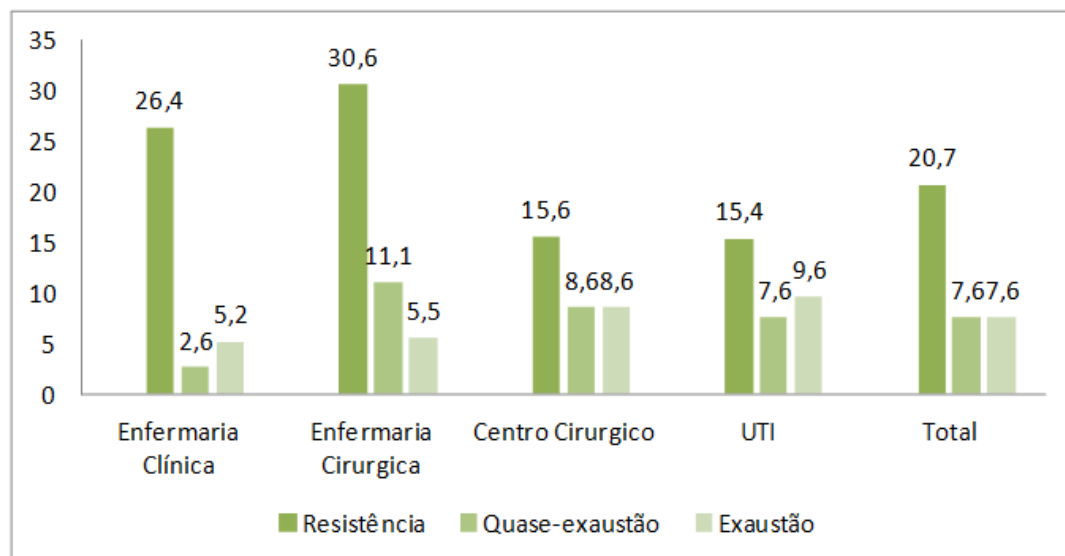


Figura 2. Fases do estresse da equipe de enfermagem por setor de um Hospital do Nordeste do Brasil, em números absolutos. Natal (RN), Brasil (2015)

A relação entre o nível de estresse com a categoria profissional dos participantes indica que os técnicos de enfermagem, em sua maioria, não apresentam estresse (65,6%), como também os enfermeiros (57,6%). No entanto, uma parcela significativa desses

profissionais se encontra na fase de resistência ao estresse. Entre os técnicos em enfermagem, essa fase esteve presente em 19,2% dos participantes e, entre os enfermeiros, em 27,4%, conforme distribuição apresentada na Tabela 2.

Tabela 2. Relação entre o nível de estresse e a categoria profissional em Hospital do Nordeste do Brasil. Natal (RN), Brasil (2015)

Variáveis/categorias	Enfermeiros		Técnicos de Enfermagem		Total	
	n	%	n	%	n	%
Sem Estresse	19	57,6	99	65,6	118	64,1
Alarme	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Resistência	9	27,4	29	19,2	38	20,7
Quase-Exaustão	3	9,0	11	7,3	14	7,6
Exaustão	2	6,0	12	7,9	14	7,6
Total	33	100	151	100	184	100

De tal modo, evidenciou-se que o estresse é um evento presente no cotidiano desses profissionais de enfermagem, apresentando-se

entre os setores em diferentes proporções, sendo a fase de resistência a mais representativa.

DISCUSSÃO

A amostra foi composta, predominantemente, por mulheres, casadas, sem filhos e com um duplo vínculo empregatício. Trata-se de uma realidade característica que corrobora com um estudo realizado pelo Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), em 2015, para caracterizar o perfil desses trabalhadores no Brasil, o qual indicou que 80,7% dos profissionais são do sexo feminino, o que reflete uma característica histórica dessa profissão.¹⁰

A predominância do sexo feminino apresenta, ainda, implicações relevantes no que concerne aos fatores estressores dos profissionais de enfermagem, isso porque as trabalhadoras precisam conciliar as atividades de casa, vida conjugal, cuidado dos filhos e, por estarem em idade produtiva, soma-se o fato de muitas buscarem estudar para se qualificar profissionalmente.¹¹

A ocorrência desses fatores pode gerar o fenômeno denominado pela literatura de tripla jornada de trabalho, desencadeando desgastes físicos e psicológicos e, consequentemente, o estresse.¹¹

Ressalta-se, assim, a possibilidade de a amostra da pesquisa vivenciar tal realidade, isso porque 61,9% apresentam duplo vínculo e 84,8% são mulheres. É válido, ainda, destacar que a tripla jornada de trabalho não constitui, na atualidade, fenômeno exclusivo da realidade feminina e, portanto, a possibilidade dos eventos estressores decorrentes da mesma não pode ser descartada no que concerne aos homens que participaram do estudo.

Nesse contexto, elucida-se que o duplo vínculo também é uma realidade dessa profissão. Em estudo realizado no estado de São Paulo, que buscou estudar a influência das variáveis sociodemográficas na percepção do estresse, evidenciou-se porcentagem semelhante de acúmulo de vínculos dentre os sujeitos investigados, denotando um quantitativo de 67,3%.¹

Dentre as possíveis causas desse fato, pesquisadores¹²⁻³ apontam que trabalhadores de enfermagem buscam o múltiplo vínculo em decorrência da necessidade de o trabalhador obter um melhor rendimento salarial, bem como pelo trabalho em turnos facilitar essa dupla jornada.

Estudo que caracterizou o perfil da enfermagem brasileira apontou uma realidade preocupante no que se refere à renda mensal dos trabalhadores, aspecto que pode colaborar para a existência dos múltiplos

vínculos. Segundo tal pesquisa, considerando a renda mensal de todos os empregos e atividades que a equipe de enfermagem exerce, constata-se que 1,8% de profissionais na equipe (em torno de 27 mil pessoas) recebem menos de um salário mínimo por mês.¹⁰

E não se trata de uma característica peculiar a um tipo de serviço, isso porque foi identificado que os quatro grandes setores de empregabilidade da enfermagem (público, privado, filantrópico e ensino) apresentam subsalários. O privado (21,4%) e o filantrópico (21,5%) são os que mais praticam salários com valores de até R\$ 1.000. Em ambos, os vencimentos de mais da metade do contingente empregado não passam de R\$ 2.000.¹⁰

Além de denotar condições laborais deficitárias, o duplo vínculo pode contribuir adicionalmente com o surgimento de eventos estressores nos profissionais de enfermagem, isso porque o contato constante com as atividades específicas da profissão pode ser definido como potencializador do estresse no local de atuação profissional e, por consequência, diminuição ou falta de tempo para atividades de lazer ou mesmo para a vida pessoal, visualizadas como mecanismos de prevenção do estresse.

Nessa perspectiva, o duplo vínculo denotado pela maioria da amostra da pesquisa, somado ao fato de os profissionais atuarem, em média, 30,2 horas semanais (DP-18,7) em regime de plantão, revela uma sobrecarga profissional, já associada pela literatura tanto ao adoecimento dos profissionais de saúde quanto a fatores de risco para a segurança do paciente.¹⁴

Destaca-se, desse modo, o nexos causal já estabelecido entre o excesso de trabalho e os problemas de saúde dos profissionais de enfermagem, acarretando alterações mentais como o estresse ocupacional/crônico, a Síndrome de Burnout, sofrimento e desgaste mental, além de desgaste físico, como problemas osteomusculares¹⁵⁻⁷, colocando em relevo uma realidade que precisa ser vista como subsídio para ações de prevenção e enfrentamento do estresse.

No concernente à presença do estresse entre os membros da equipe de enfermagem investigada, pode-se observar que 64,1% dos profissionais não possuem sinais e sintomas característicos de alguma fase do estresse, de forma semelhante a estudos realizados em São Paulo e Rio Grande do Sul^{1,18}, revelando que os participantes estão em situação passível de melhoria significativa das condições de saúde pela execução de estratégias efetivas de

prevenção do estresse no ambiente de trabalho, todavia é imperativo destacar que a sintomatologia do estresse esteve presente em 35,9% dos profissionais, o que é um indício de que o organismo está enfrentando um contato direto com o agente estressor e provável causador de distúrbios no organismo, necessitando, portanto, de ações de enfrentamento urgentes.

No que se refere às fases do estresse, a de maior prevalência neste estudo foi a de resistência, presente em 20,7% dos profissionais que responderam ao ISSL, em consonância com estudos anteriores realizados com enfermeiros hospitalares, que também evidenciaram a predominância dessa fase.^{10-11,16-7.}

Essa fase do estresse é significativa, pois é a etapa em que ocorre o confronto com o agente estressor de forma rápida, desencadeando o aumento dos níveis de cortisol no organismo, gerando a somatização no corpo do indivíduo, acarretando uma maior vulnerabilidade às doenças.¹⁸

Desse modo, na fase de resistência, o estresse vivenciado pelos profissionais passa a repercutir no cotidiano dos serviços de saúde, isso porque os sinais e sintomas do estresse já são evidenciados, influenciando negativamente as atividades laborais dos profissionais de enfermagem.¹⁸

Quanto às fases de quase-exaustão e exaustão, estas foram evidenciadas nesta amostra em igual percentual, com 7,6% de profissionais em cada fase. Esses níveis de estresse possuem uma sintomatologia mais forte, com sintomas de hipertensão arterial confirmada, problemas dermatológicos constantes e sensação de desgaste físico e mental¹⁹, evidenciando a necessidade de acompanhamento dos sujeitos que se encontram em tais fases, que necessitam de avaliação de profissional capacitado, já que os aspectos patológicos já se revelam de forma preocupante.

Com relação à unidade hospitalar analisada em que houve predomínio do estresse, destaca-se a enfermaria de clínica cirúrgica. De maneira diversa, pesquisas realizadas em São Paulo e Rio de Janeiro identificaram a Unidade de Terapia Intensiva como setor onde prevalecia o estresse dos funcionários.^{1,16}

Enfatiza-se que a enfermaria de clínica cirúrgica se caracteriza por receber pacientes nos períodos de pré-operatório e pós-operatório, envolvendo diversas especialidades médicas e requerendo da equipe de enfermagem um conhecimento específico e direcionado para os diferentes quadros que os pacientes apresentam,

denotando um processo de trabalho que acarreta um desgaste constante a esses profissionais.²⁰

Além disso, os profissionais de enfermagem que atuam nesse setor realizam atividades com o paciente em trânsito operatório, o que requer um direcionamento particular, além de efetuar orientações pré e pós-operatórias; curativos de alta complexidades, anamnese e exames físicos apurados e direcionados para cada caso, avaliação dos pacientes e prevenção de complicações.^{1,20}

Nesse contexto, esse setor acaba por exigir da equipe de enfermagem uma atenção constante e atividades que requerem destreza e prontidão, fazendo com que, por vezes, esses fatores possam ser visualizados por esses trabalhadores como elementos desencadeadores do estresse no ambiente de trabalho. Além disso, sabe-se que as atividades de coordenação, elaboração de rotinas e normas características, sobretudo, de setores que trabalham com pacientes críticos, são ações que se apresentam como estressantes para os profissionais de saúde¹, realidade também evidenciada na realidade do hospital estudado.

Outrossim, um estudo que analisou a presença de Síndrome de Burnout e estresse em profissionais de enfermagem atuantes em hospitais de médio porte evidenciou que os profissionais que trabalhavam na área administrativa e em setores como a ala de internação tiveram maiores resultados e reflexos do estresse²⁰, fato que corrobora com este estudo em tela.

Ademais, o segundo setor de maior nível de estresse foi a unidade de clínica médica, com 34,2% dos participantes; seguida das unidades fechadas: o centro cirúrgico, com 32,8%, e unidade de terapia intensiva, com 32,6%.

Trata-se de quantitativos que diferem do relatado pela literatura, já que as unidades ditas fechadas ou privativas, como centro cirúrgico e unidades de terapia intensiva, são constantemente destacadas como aquelas que são consideradas como as mais estressantes.¹⁹⁻²¹

Essas unidades possuem uma dinâmica de trabalho que torna os profissionais mais suscetíveis ao desenvolvimento do estresse por serem caracterizadas como setores com circulação de pessoas, grande aparato tecnológico, ruídos das máquinas e relações, por vezes, conflituosas entre os membros da equipe multiprofissional.²¹

A partir dos resultados encontrados neste trabalho e em pesquisas anteriores, percebe-se que, em qualquer ambiente de atuação em que a enfermagem está inserida, os eventos

estressores são comuns, afinal a profissão de enfermagem está vinculada à suscetibilidade ao estresse diário em sua rotina de cuidados específicos e direcionados ao paciente, lidando com situações de enfrentamento diário de dor e morte, além do contexto organizacional das organizações de saúde.

Assim sendo, o estresse do profissional de enfermagem vem sendo considerado um problema de ordem mundial, pois gera consequências negativas à qualidade do cuidado e segurança da assistência prestada ao paciente, como também acarreta implicações ao ambiente de trabalho.

CONCLUSÃO

Os resultados deste estudo permitem afirmar que a amostra estudada possui um baixo índice de estresse, no entanto existe uma somatização de sinais e sintomas no organismo desses profissionais, podendo desencadear um processo de adoecimento nesses sujeitos.

A partir das análises descritivas das fases do estresse, foi possível identificar que a amostra encontra-se na fase de resistência ao estresse, considerada como a etapa em que ocorre a somatização de sinais e sintomas no corpo físico, com aumento no nível de cortisol no organismo.

Diante disso, destacam-se as desordens psíquicas, físicas e emocionais que podem estar sendo vivenciadas pelos profissionais de enfermagem deste estudo, aspecto que precisa ser denotado enquanto subsídio para planejar estratégias de enfrentamento ao estresse.

Como limitação, destaca-se que este estudo reflete uma única realidade investigada, além de se configurar como um estudo transversal, analisando a população de forma pontual. Desta feita, destaca-se a importância de fomentar outros estudos sobre essa temática, inclusive com metodologias longitudinais a fim de maiores esclarecimentos e retrato de outras realidades.

Busca-se contribuir, assim, para incentivar a realização de outros estudos, em cada microespaço da enfermagem, além de contribuir para que estratégias de prevenção e enfrentamento do estresse sejam efetivadas visando garantir a preservação da saúde dos profissionais de saúde, além de contribuir para a qualidade e segurança do cuidado de enfermagem efetivado.

REFERÊNCIAS

1. Lima GF, Bianchi ER. Estresse entre enfermeiros hospitalares e a relação com as variáveis sociodemográficas. REME Rev Mineira Enferm [Internet]. 2010 [cited 2016 Jan 06];14(2):210-8. Available from: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/108>>
2. Internacional Stress Management Association (ISMA-BRA). Trabalho, estresse e saúde: prevenindo o burnout - da teoria à ação. São Paulo: IV Congresso de Stress da ISMA-BR; 2006.
3. Organização Mundial de Saúde. Temas em Saúde: Condições de Trabalho no setor saúde; 2009.
4. Bianchi ERF. Escala Bianchi de Stress. Rev Esc Enferm USP [Internet]. 2009 [cited 2016 Jan 06]; 43(spe.):1055-62. Available from:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000500009>
5. Silveira MM, Stumm EM, Kirchner RM. Estressores e coping: enfermeiros de uma unidade de emergência hospitalar. Rev Eletrônica Enferm [Internet] 2009 [cited 2016 Jan 05];11(4):894-903. Available from: <https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v11/n4/pdf/v11n4a15.pdf>
6. Inoue KC, Versa GLGS, Murassaki Y, Melo WA, Matsuda LM. Estresse ocupacional em enfermeiros intensivistas que prestam cuidados diretos ao paciente crítico. Rev Bras Enferm. [Internet] 2012 [cited 2016 Jan 04];66(5):722-9. Available from:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000500013 >
7. Cruz SG, Ferreira MMF. Percepção da cultura organizacional em instituições públicas de saúde com diferentes modelos de gestão. Rev de Enferm Referencia [Internet] 2012 [cited 2016 Jan 10];3(6):103-12. Available from:http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832012000100010
8. Moreira, DS, Mafnago RF, Sakae TM, Magajewski. Prevalência da Síndrome de burnout em trabalhadores de enfermagem de um hospital de grande porte da região Sul do Brasil. Cad Saúde Pública [Internet]. 2009 [cited 2016 Jan 10];25(7):1559-68. Available from: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v25n7/14.pdf>>
9. Lipp MEN. Inventários de sintomas de stress para adultos de Lipp. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2001.
10. Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). O perfil da enfermagem no Brasil. Brasília: COFEN; 2015.

11. Barbozza MCN, Braga LL, Perleberg LT, Bernardes LS, Rocha IC. Estresse ocupacional em enfermeiros atuantes em setores fechados de um hospital de Pelotas/RS. *Rev Enferm UFSM* [Internet]. 2013 [cited 2016 Jan 05];3(3):374-82. Available from: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/7624/pdf>

12. Vieira FS, Costa ES, Souza GC, Carvalho Filha FSS, Aguiar JS. Estresse: fatores desencadeantes no exercício de enfermeiros. *Rev Enferm UFPI* [Internet]. 2013 [cited 2016 Jan 05];2(esp.):55-9. Available from: < <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/reufpi/article/view/1305> >

13. Schimidt DRC. Modelo demanda-controle e estresse ocupacional entre profissionais de enfermagem: revisão integrativa. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2013 [cited 2016 Jan 06];66(5):779-88. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000500020

14. Van Bogaert P, Timmermans O, Weeks SM, van Heusden D, Wouters K, Franck E. Nursing unit teams matter: impact of unit-level nurse practice environment, nurse work characteristics, and burnout on nurse reported job outcomes, and quality of care, and patient adverse events-a cross-sectional survey. *Int J Nurs Stud* [Internet]. 2014 [cited 2016 Jan 04];51(8):1123-34. Available from: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0020748913003878>

15. Magnago TSBS, Lisboa MTL, Griep RH, Zeitoune RCG, Tavares JP. Condições de trabalho de profissionais da enfermagem: avaliação baseada no modelo Demanda-Controle. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2010 [cited 2016 Jan 05];23(6):811-7. Available from: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002010000600015 >

16. Kestenberg CCF, Felipe IC, Rossone FO, Delphim LM, Teotonio MC. O estresse do trabalhador de enfermagem: estudo em diferentes unidades de um hospital universitário. *Rev Enferm UERJ* [Internet]. 2015 [cited 2016 Jan 06];23(1):45-51. Available from: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/11487>

17. Benavente SBT, Costa ALS. Respostas fisiológicas e emocionais ao estresse em estudantes de enfermagem: revisão integrativa da literatura. *Acta Paul Enferm* [Internet]. 2011 [cited 2016 Jan 06];24(4):571-6. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002011000400019

18. Umann J. Guido LA, Silva RM. Estresse, coping e presenteísmo em enfermeiros que assistem pacientes críticos e potencialmente críticos. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2014 [cited 2016 Jan 05];48(5):891-8. Available from:

http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48n5/pt_0080-6234-reeusp-48-05-891.pdf

19. Caruso CC. Negative impacts of shiftwork and long work hours. *Rehabilitation Nursing* [Internet]. 2014 [cited 2016 Apr 13];39(1):16-25. Available from: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/23780784>>

20. Guido LA, Silva RM, Goulart CT, Kleinübing RE, Umann J. Estresse e coping entre enfermeiros de unidade cirúrgica de hospital universitário. *Rev Rede Enferm Nordeste* [Internet]. 2012 [cited 2016 Jan 06];13(2):428-36. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342011000600022

21. Pereira CA, Miranda LCS, Passos JP. O estresse ocupacional da equipe de enfermagem em setor fechado. *Rev Pesq Cuidado é Fundamental* [Internet]. 2010 [cited 2016 Jan 06];1(2):196-202. Available from: < <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidado%20fundamental/article/viewArticle/346> >

22. Galindo RH, Feliciano KVO, Lima RAS, Souza AI. Síndrome de Burnout entre enfermeiros de um hospital geral da cidade do Recife. *Rev Esc Enferm USP* [Internet]. 2012 [cited 2016 Apr 13]; 46(2):420-7. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000200021

Submissão: 26/02/2016

Aceito: 09/01/2017

Publicado: 01/02/2017

Correspondência

Claudia Cristiane F. Martins Rodrigues

Escola de Saúde

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Campus Universitário, Sala 6, 2º piso,

Bairro Lagoa Nova, s/n

CEP: 59078-970 – Natal (RN), Brasil